

Transtorno do espectro autista e inclusão escolar: uma revisão sistemática

Fernanda Delai Lucas Adurens

Psicóloga. Mestra em Educação.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília

✉ fernandadla10@gmail.com

Clarissa Maria Marques Ogeda

Pedagoga. Mestra e doutoranda em Educação.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília

✉ clarissaogeda@gmail.com

Carla Cristina Marinho

Pedagoga. Mestra e doutoranda em Educação.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília

✉ carla_cmarinho@hotmail.com

Aila Narene Dahwache Criado Rocha

Terapeuta Ocupacional. Mestra e doutora em Educação. Professora assistente doutora do Departamento de

Fisioterapia e Terapia Ocupacional e Docente do

Programa de Pós Graduação em Educação.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília

✉ aila.rocha@unesp.br

Recebido em 23 de março de 2021

Aceito em 22 de agosto de 2023

Resumo:

Apesar da oferta de serviços de Educação Especial, escolas têm demonstrado dificuldades em oferecer experiências de aprendizagem positivas aos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Assim, teve-se por objetivo analisar produções científicas sobre a inclusão escolar de estudantes com TEA, publicadas entre os anos de 2010 e 2019. Foram utilizadas as bases de dados *Scientific Electronic Library Online*, Biblioteca Virtual em Saúde e Portal de Periódicos da CAPES. O material utilizado foi o *Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analysis* (PRISMA). Um total de 95 artigos elegíveis foi selecionado para a análise e classificado em 12 categorias temáticas, sendo elas: 1) Pesquisa bibliográfica, 2) Interface saúde-educação, 3) Concepção do docente, 4) Práticas, 5) Avaliação, 6) Socialização, 7) Comunicação Alternativa, 8) Escolarização, 9) Família, 10) Formação, 11) Concepção do estudante e 12) Recursos. As categorias com maior expressividade de produções foram: Pesquisa bibliográfica, com o total de 22 artigos, e Interface Saúde- Educação, com o total de 15 artigos. A escolarização desses estudantes se põe como desafio que só pode ser superado por uma mudança na cultura escolar, na qual todos os agentes envolvidos no processo conheçam as especificidades de estudantes com TEA e possam apoiá-los, otimizando e, por vezes, viabilizando o processo de escolarização.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Educação Especial, Transtorno do Espectro Autista, Revisão de Literatura.

Autistic spectrum disorder and school inclusion: a systematic review

Abstract:

Despite the provision of Special Education services, schools have shown difficulties in offering positive learning experiences to students with Autistic Spectrum Disorder (ASD). Thus, the objective was to analyze scientific productions on the school inclusion of students with ASD, published between the years 2010 and 2019. The Scientific Electronic Library Online, Virtual Health Library and CAPES Journal Portal databases were used. The material used was the Preferred Reporting Items for Systematics Review and Meta-Analysis (PRISMA). A total of 95 eligible articles were selected for analysis and classified into 12 thematic categories. A total of 95 selected articles were selected for analysis and classification in 12 thematic categories, which are: 1) Bibliographic research, 2) Health-education interface, 3) Teacher conception, 4) Practices, 5) Evaluation, 6) Socialization, 7) Alternative Communication, 8) Schooling, 9) Family, 10) Training, 11) Student design and 12) Resources. The categories with the greatest expressiveness of productions were: Bibliographic research, with a total of 22 articles, and Health-Education Interface, with a total of 15 articles. The education of these students is a challenge that can only be overcome by a change in the school culture, in which all the agents involved in the process know the specificities of students with ASD and can support them, optimizing and, sometimes, making the process feasible schooling.

Keywords: Inclusive education, Special education, Autistic Spectrum Disorder, Literature review.

Trastorno del espectro autista e inclusión escolar: una revisión sistemática

Resumen:

A pesar de la provisión de servicios de Educación Especial, las escuelas han mostrado dificultades para ofrecer experiencias de aprendizaje positivas a los estudiantes con trastorno del espectro autista (TEA). Así, el objetivo fue analizar las producciones científicas sobre la inclusión escolar de estudiantes con TEA, publicadas entre los años 2010 y 2019. Se utilizaron las bases de datos de la Biblioteca Científica Electrónica en Línea, la Biblioteca Virtual en Salud y el Portal de Revistas CAPES. El material utilizado fue el Preferred Reporting Items for Systematics Review and Meta-Analysis (PRISMA). Se seleccionaron un total de 95 artículos elegibles para su análisis y se clasificaron en 12 categorías temáticas, que son: 1) Investigación bibliográfica, 2) Interfaz salud-educación, 3) Diseño docente, 4) Prácticas, 5) Evaluación, 6) Socialización, 7) Comunicación alternativa, 8) Escolaridad, 9) Familia, 10) Capacitación, 11) Diseño del estudiante y 12) Recursos. Las categorías con mayor expresividad de las producciones fueron: Investigación bibliográfica, con un total de 22 artículos, e Interface Salud-Educación, con un total de 15 artículos. La formación de estos estudiantes se presenta como un desafío que solo puede superarse mediante un cambio en la cultura escolar, en el que todos los agentes involucrados en el proceso conozcan las especificidades de los estudiantes con TEA y puedan apoyarlos, optimizando y, en ocasiones, haciendo el proceso de escolarización factible.

Palabras clave: Educación inclusiva, Educación especial, Trastorno del espectro autista, Revisión de literatura.

INTRODUÇÃO

O Brasil tem uma história marcada por lutas de movimentos sociais em prol da democratização do ensino. Essas lutas, certamente, favoreceram avanços legislativos, os quais reconheceram o direito de populações marginalizadas¹ à educação (OLIVEIRA, 2006; CURY, 2008; KASSAR, 2012).

No entanto, o atendimento adequado das necessidades educacionais de populações

¹ Populações marginalizadas são constituídas por pessoas que historicamente têm sido excluídas da escola ou nela mantidas, em situação segregativa. Trata-se, conforme explicitado na Declaração de Salamanca, “[...] de crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos em desvantagem ou marginalizados.” (Unesco, 1994, p. 3).

marginalizadas ainda é pouco consolidado, sobretudo nos casos nos quais se trata da escolarização de estudantes do público-alvo da Educação Especial², do qual fazem parte estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).³

O TEA pertence ao grupo de transtornos do neurodesenvolvimento, tem início precoce e sua etiologia é multifatorial, isto é, está relacionada a fatores genéticos e ambientais. Pessoas acometidas por essa condição apresentam variações de comprometimento em áreas de desenvolvimento, cuja gravidade se baseia em prejuízos na linguagem e em padrões de comportamento restritivos e repetitivos. Tais prejuízos são capazes de produzir efeitos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional das pessoas acometidas por essa condição (APA, 2014).

Com base nisso, pode-se afirmar que crianças e jovens com TEA apresentam características ou comportamentos que podem influenciar a realização de atividades escolares relevantes para o processo de escolarização. Essas características ou comportamentos podem influir na relação interpessoal entre professor e estudante e, conseqüentemente, no processo de ensino e aprendizagem, tanto para favorecê-lo quanto para dificultá-lo.

Aos estudantes mencionados anteriormente são necessários recursos, estratégias e serviços específicos, no sentido de viabilizar sua permanência, com sucesso, em sala de ensino comum.

Dentre esses, há os serviços de Educação Especial ofertados por professores especialistas nessa área, os quais prestam atendimento educacional especializado em escolas de ensino comum e, da perspectiva da Educação Inclusiva,⁴ tentam no cotidiano escolar estabelecer trabalho colaborativo com professores comuns, a fim de assegurar “[...] condições

² Estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, segundo a legislação brasileira atual, são considerados o público-alvo da Educação Especial (Brasil, 2008a).

³ A nomenclatura Transtorno do Espectro Autista substitui o termo Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), a partir da quinta versão do *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais*, tendo sido incorporada pela área da Educação, mesmo que na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) a nomenclatura TGD permaneça em vigor.

⁴ “A Educação Inclusiva é tida como educação de qualidade que deve ser oferecida pelo sistema educacional a todas as crianças, jovens e adultos.” (Fonseca-Janes; Omote, 2009 *apud* Fonseca-Janes, 2010, p. 220). A educação de qualidade, por sua vez, abrange de maneira articulada certas dimensões, tais como a socioeconômica e a cultural dos sujeitos envolvidos; a dimensão dos direitos, das obrigações e das garantias do Estado; condições de oferta do ensino pelo sistema educacional; gestão e organização do trabalho escolar; formação, profissionalização e ação pedagógica e acesso, permanência e desempenho escolar do estudante (Brasil, 2007).

de acesso ao currículo por meio da promoção da acessibilidade aos materiais didáticos, aos espaços e equipamentos, aos sistemas de comunicação e informação e ao conjunto das atividades escolares.” (BRASIL, 2008b, n.p).

Apesar dessa intenção prática estabelecida por lei, pesquisas indicam que ainda há por parte das escolas dificuldades em oferecer aos estudantes com TEA experiências de aprendizagem positivas (BARBOSA, 2018; PONCE; ABRÃO, 2019).

Sendo a Educação Especial uma área de conhecimento e de aplicação, na qual o atendimento e a pesquisa, a teoria e a prática estão interligados (OMOTE, 2014), pode-se aventar a hipótese de que parte das dificuldades presentes na inclusão escolar e no processo de escolarização de estudantes com TEA provém da pouca disponibilidade de estudos científicos prescritivos pelos profissionais, em atuação direta com essa população.

Considerando a escassez de estudos dessa natureza, cabe questionar: em termos de conhecimento científico compartilhado em periódicos, o que foi produzido na última década sobre a temática da inclusão escolar de estudantes com TEA?

A partir desse questionamento, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, com o objetivo de analisar produções científicas sobre a inclusão escolar de estudantes com TEA, publicadas entre os anos de 2010 e 2019.

A análise da produção científica de dados de pesquisa e de experiências de práticas educacionais direcionadas a estudantes com TEA, certamente, pode sugerir reflexões, fundamentar futuras pesquisas e contribuir para o avanço qualitativo de referenciais teóricos sobre a temática da inclusão escolar desse público (OMOTE, 2014).

MÉTODO

Fonte bibliográfica e material

Foram adotadas as bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (Scielo), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Portal de Periódicos da CAPES. Essas bases foram escolhidas por serem reconhecidas no cenário científico, em função da ampla visibilidade das publicações

em periódicos nacionais e estrangeiros de diversas áreas, dentre as quais se incluem a área de Educação, Educação Especial e Saúde.

O material utilizado foi o *Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analysis* (PRISMA).⁵ Trata-se de um *checklist* constituído por 27 itens e um fluxograma de quatro etapas.

Cada item do *checklist* contém recomendações para a apresentação textual de revisões sistemáticas. As recomendações englobam determinadas seções, como título, resumo, introdução, método, resultados, discussão e financiamento. Por sua vez, o fluxograma contém recomendações sobre a descrição do processo de busca e recuperação de produções científicas. Tais recomendações referem-se à apresentação da quantidade de produções científicas identificadas, selecionadas e consideradas elegíveis para a análise.

Procedimentos de coleta e análise de dados

Para a coleta de dados, foram pré-estabelecidos critérios de inclusão das produções científicas. Foram considerados elegíveis artigos completos que abordavam a temática da inclusão escolar de estudantes com TEA, redigidos em Língua Portuguesa e publicados entre os anos de 2010 e 2019.

Por causa do risco de viés, artigos não deveriam ser excluídos em função do período de publicação. Apesar disso, optou-se por fazer o recorte temporal, em função do grande quantitativo de artigos sobre a temática da inclusão escolar de estudantes com TEA, publicados em periódicos científicos indexados em bases de dados.

Para a busca dos artigos, foram empregados os descritores recomendados pelos Descritores em Ciências da Saúde (DECS), como transtorno autístico, transtorno do espectro autista e inclusão escolar. Além disso, recorreu-se aos descritores sugeridos pelo Thesaurus Brasileiro da Educação, como autismo, inclusão educacional, educação especial e participação do estudante.

Selecionados os descritores, foram realizadas duas estratégias de busca: (("transtorno

⁵ O Prisma tem como objetivo auxiliar autores a melhorarem o relato de revisões sistemáticas e meta-análises. Além disso, pode ser usado para a avaliação crítica de revisões sistemáticas publicadas (GALVÃO *et al.*, 2015).

autístico" OR "transtorno do espectro autista") AND ("inclusão escolar")) e ((autismo) AND ("inclusão educacional" OR "educação especial" OR "participação do estudante")).⁶

Procedeu-se à leitura dos títulos e resumos (quando necessário, acessava-se o texto na íntegra) para verificação da adequação aos critérios de inclusão e para identificação das categorias em que se enquadram as pesquisas. Certos elementos, como título, nome dos autores, resumo, palavras-chave, ano de publicação, periódico, *qualis* do periódico e base de dados, foram tabulados por meio de uma planilha no *Excel*.

Para evitar possíveis vieses no processo de categorização, houve a participação de uma juíza, Doutora em Educação.

É relevante ressaltar que se trata de uma pesquisa exploratória inicial, sem a intenção de realizar a análise crítica dos artigos, em sua dimensão qualitativa. Teve-se como foco a realização de mapeamento sobre o conhecimento científico acerca da inclusão escolar de estudantes com TEA, produzido nos últimos dez anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta o número de artigos recuperados nas bases dados, mediante combinação dos descritores recomendados pelo DECS e pelo Thesaurus Brasileiro da Educação.

⁶ Para viabilizar a possibilidade de replicação desta pesquisa, cabe informar que a última busca por artigos ocorreu em 13 de agosto de 2020.

Tabela 1 - Combinação de descritores e número de artigos recuperados em cada base de dados.

DESCRITORES	BASE DE DADOS					
	SciELO		BVS		Periódicos Capes	
Descritores em Ciências da Saúde e Estr. B.	S/F	C/F	S/F	C/F	C/FS/F	C/F
("transtorno autístico" OR "transtorno do espectro autista") AND ("inclusão escolar")	8	7	67	35	191	107
Thesaurus Brasileiro da Educação e Estr. B.	S/F	C/F	S/F	C/F	C/FS/F	C/F
((autismo) AND ("inclusão educacional" OR "educação especial" OR "participação do estudante"))	55	30	649	74	172	115
Total de artigos resgatados S/F e C/F	63	37	716	109	363	222
Total de artigos C/F	368					

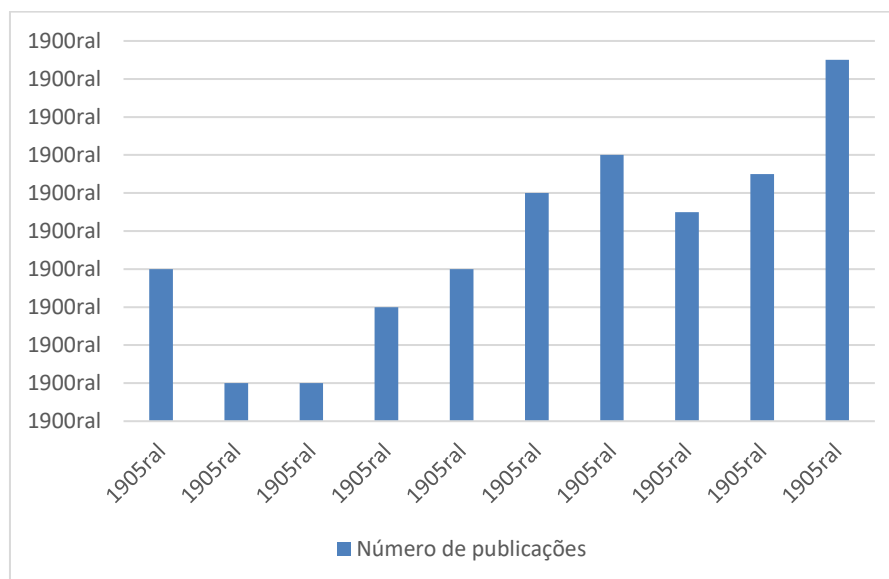
Fonte: elaboração própria.

Legenda: S/F – sem filtro e C/F – com filtro (artigos completos que abordavam a temática da inclusão escolar de estudantes com TEA, em Língua Portuguesa e publicados entre os anos de 2010 e 2019). Estr. B. – Estratégia de Busca.

Em pesquisa, o uso de descritores controlados permite o resgate de textos sobre temáticas específicas, independentemente da terminologia adotada pelos autores. Foram recuperados um total de 368 artigos. Dentre os artigos, 95 atenderam aos critérios de elegibilidade para a efetivação da análise.

No Gráfico 1, é mostrada a distribuição dos artigos sobre inclusão escolar de estudantes com TEA, de acordo com o ano de publicação.

Gráfico 1 – Distribuição de artigos acerca da inclusão escolar de estudantes com TEA publicados entre os anos de 2010 e 2019.



Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 1 evidencia que a temática da inclusão escolar de estudantes com TEA vem recebendo a atenção de pesquisadores, nos últimos dez anos, sendo os anos de 2016 e 2019 aqueles com maior número de publicações.

A partir do ano de 2013, constata-se o crescimento progressivo de pesquisas sobre a temática em questão, o que pode estar relacionado à legislação sobre a proteção dos direitos das pessoas com TEA (BRASIL, 2012), assim como à mudança da nomenclatura dessa condição, indicada na quinta versão do *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais* – DSM V, como Transtorno do Espectro Autista (APA, 2014).

Houve a substituição do conceito de Transtornos Globais do Desenvolvimento – TGD, presente no DSM IV (APA, 1994), pelo conceito de Transtorno do Espectro Autista – TEA, indicado no DSM V (APA, 2014). TGD era concebido um grupo de transtornos que tinha em comum as funções do desenvolvimento afetadas. Diferentemente, o TEA é entendido como transtorno único e contínuo, com variações de comprometimento em áreas de desenvolvimento. A mudança na nomenclatura e em sua definição pode ter influenciado o aumento de pesquisas direcionadas às pessoas acometidas por essa condição. Comumente, o processo de ressignificação de conceitos promove novas discussões e reflexões sobre

determinadas temáticas.

Considerando a avaliação dos periódicos que divulgam artigos sobre a temática de inclusão escolar de estudantes com TEA, na Plataforma Sucupira, foi identificado que 8% dos artigos estão veiculados em periódicos Qualis A1, 59% em periódicos Qualis A2 e 13% em periódicos Qualis B1. Os demais estão vinculados a periódicos com avaliações inferiores, como Qualis B2, B3, B4, B5, C e Sem Qualis.

Além disso, verificou-se que 40 artigos sobre a inclusão escolar de estudantes com TEA estão publicados na *Revista Brasileira de Educação Especial*, isto é, o maior número de publicações está concentrado em um periódico reconhecido nacionalmente por sua credibilidade em avaliação e disseminação de conhecimentos científicos da área de Educação Especial.

O segundo maior número de artigos publicados sobre a inclusão escolar de estudantes com TEA é da *Revista Psicologia Escolar e Educacional*. Nesse periódico, foram identificados cinco artigos. Trata-se de um periódico reconhecido nacionalmente e que tem por objetivo divulgar pesquisas na área da Psicologia Educacional e Escolar, para psicólogos e outros profissionais de áreas afins.

Com a análise dos títulos, resumos e palavras-chave das pesquisas, foram elencadas 12 categorias temáticas⁷: 1) Pesquisa bibliográfica, 2) Interface saúde-educação, 3) Concepção do docente, 4) Práticas, 5) Avaliação, 6) Socialização, 7) Comunicação Alternativa, 8) Escolarização, 9) Família, 10) Formação, 11) Concepção do estudante e 12) Recursos.

⁷ O número de pesquisas contabilizado nas categorias é maior que o número de pesquisas do levantamento, devido ao fato de quatro dessas pesquisas estarem alocadas em duas categorias cada.

Quadro 1 – Categorias, autores e ano das publicações.

CATEGORIAS	AUTORES
1) PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	Nunes e Nunes Sobrinho (2010); Orrú (2010); Schmidt (2012); Mizael e Aiello (2013); Sanini; Sifuentes e Bosa (2013); Lourenço, Esteves, Corredeira e Seabra (2015); Soares, Cavalcante Neto (2015); Guareschi e Naujorks (2016); Mori (2016); Nunes e Walter (2016); Cabral e Marin (2017); Lucisano, Novaes, Esposito e Pfeifer (2017); Rodrigues e Almeida (2017); Rodrigues e Angelucci (2018); Santos e Elias (2018); Cardoso e Blanco (2019); Godoy, Faiad, Machado, Cremitte, Lamônica e Hage (2019); Guerra, Santo, Barros, Almeida-Verdu (2019); Nunes e Schmidt (2019); Pimenta (2019); Rocha, Ferreira-Vasques e Lamônica (2019); Wu (2019).
2) INTERFACE SAÚDE E EDUCAÇÃO	Barbosa e Conti (2011); Gertel e Maia (2011); Della Barba e Minatel (2013); Agripino-Ramos e Salomão (2014); Carvalho e Nascimento (2015); Nascimento, Silva e Dazani (2015); Silva (2015); Benitez e Dominiconi (2016); Fernandes, Vasconcelos, Santos, Lima, Veloso e Fernandes (2016); Lourenço, Esteves, Corredeira e Seabra (2016); Gomes, Souza, Silveira e Oliveira (2017); Benitez e Dominiconi (2018); Campos, Silva e Ciasca (2018); Matos e Matos (2018); Andalécio, Gomes, Silveira, Oliveira e Castro (2019).
3) CONCEPÇÃO DO DOCENTE	Bastos e Kupfer (2010); Pimentel e Fernandes (2014); Caneda e Chaves (2015); Sanini e Bosa (2015); Barbosa e Fulmes (2016); Schmidt, Nunes, Pereira, Oliveira e Nueremberg e Kubaski (2016); Carneiro (2017); Vieira-Rodrigues e Sanches-Ferreira (2017); Barbosa (2018); Ponce e Abrão (2019); Silva, Morales, Almeida, Silva, Sobrinho e Zilly (2019).
4) PRÁTICAS	Gomes e Mendes (2010); Serra (2010); Fiorini e Manzini (2016); Barbosa e Fulmes (2017); Benitez, Gomes, Bongiolli e Domeniconi (2017); Souza, Van Munster, Lieberman e Costa (2017); Aporta e Lacerda (2018); Chicon, Oliveira e Rocha (2019); Fernandes (2019); Fleira e Fischer (2019).
5) AVALIAÇÃO	Gomes e Mendes (2010); Bagarollo, Ribeiro e Panhoca (2013); Reis, Pereira e Almeida (2013); Miccas, Vital e D'Antino (2014); Sandroni, Ciasca e Rodrigues (2015); Gomes e Souza (2016); Alzate (2018); Canabarro, Teixeira e Schmidt (2018).
6) SOCIALIZAÇÃO	Camargo e Bosa (2012); Freitas e Del Prette (2013); Freitas e Del Prette (2014); Lemos, Salomão, Agripino-Ramos (2014); Nascimento, Zanon, Bosa, Nobre, de Freitas Junior e Silva (2015); Reis, Pereira e Almeida (2016); Martins e Monteiro (2017).
7) COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA	Nunes e Nunes Sobrinho (2010); Walter e Almeida (2010); Oliveira e Jesus (2016); Togashi e Walter (2016); Schirmer (2018); Levy, Elias e Benitez (2018).
8) ESCOLARIZAÇÃO	Lima e Laplane (2016); Cargnin (2019); Milan e Postalli (2019); Fleira e Fernandes (2019); Polo-Blanco, López e Castañeda (2019).
9) FAMÍLIA	Favero-Nunes e Dos Santos (2010); Cossio, Pereira e Rodriguez (2017); Spinazola, Cia, Azevedo e Gualda (2018); Correa, Simas e Portes (2018); Azevedo, Cia e Spinazola (2019).
10) FORMAÇÃO	Barbosa e Conti (2011); Benitez e Domeniconi (2014); Favoretto e Lamônica (2014); Lourenço e Leite (2015); Togashi e Walter (2016).
11) CONCEPÇÃO DO ESTUDANTE	Bagarollo e Panhoca (2010); Bialer (2015); Olivati e Leite (2019).
12) RECURSOS	Pellanda (2014); Santarosa e Conforto (2015); Souza e Silva (2019).

Fonte: Elaboração própria.

Na categoria 1) Pesquisa Bibliográfica, foram alocados 22 artigos, classificados como revisão sistemática da literatura, ensaio teórico ou artigo documental.

Os autores de artigos tomados como de revisão sistemática da literatura sugerem, de modo geral, poucas evidências de intervenção direcionadas a estudantes com TEA.

A partir disso, pode-se confirmar a escassez de pesquisas com o objetivo de apresentar alternativas de intervenção capazes de possibilitar a minimização de barreiras identificadas no processo de inclusão escolar de estudantes com tal condição.

Na categoria 2) Interface Saúde-Educação, foram reunidas 15 pesquisas que tratavam de ações multidisciplinares envolvendo profissionais da educação, psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, entre outros. A consultoria colaborativa é uma possibilidade de articulação entre os saberes do professor e do profissional de saúde. No estudo desenvolvido por Canabarro (2018), foram notados efeitos da consultoria colaborativa frente às crenças de autoeficácia de uma professora de Educação Especial que tem estudantes com TEA. Houve aumento da autoeficácia reconhecida pela própria professora, bem como relação significativa entre as práticas dela e a inclusão do estudante com TEA. Ademais, após verificação, por meio de *follow-up*, identificou-se que a percepção de autoeficácia se manteve após cinco meses.

Com relação à categoria 3) Concepção do docente, em 11 pesquisas, os professores relataram suas angústias, concepções sobre inclusão escolar e TEA, além das dificuldades no processo de ensino-aprendizagem referentes às estratégias na área pedagógica e comportamental. O sentimento de despreparo e as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem são comuns por parte professores que atuam com estudantes com TEA. Muitos desses professores possuem crenças e visões estereotipadas sobre TEA, assim como concepções baseadas em senso comum sobre Educação Inclusiva e Educação Especial, as quais podem influenciar práticas pedagógicas capazes de definir o sucesso ou fracasso escolar de estudantes com TEA (Autor, 2018).

Na categoria 4) Práticas, foram juntadas 10 pesquisas relacionadas às práticas desenvolvidas por diferentes profissionais, a fim de promover estratégias que favoreçam a inclusão escolar de estudantes com TEA. Nessas pesquisas foi mencionada a importância do professor de Educação Especial, no processo de avaliação, elaboração e implementação de atividades escolares direcionadas. Porém, foi indicado que o ensino colaborativo entre professor de Educação Especial e professor comum se apresenta frágil, no contexto escolar,

dificultando o processo de inclusão escolar e a escolarização de estudantes com TEA (Benitez *et al.*, 2017; Aporta; Lacerda, 2018).

No que diz respeito à categoria 5) Avaliação, foram encontradas oito pesquisas. Dentre elas, duas abordavam a construção e a validação de instrumentos de avaliação, uma explorava os aspectos do brincar da criança com TEA, enquanto as demais se detiveram na avaliação do desenvolvimento e da escolaridade desses estudantes. A avaliação realizada com pessoas com TEA tem início na detecção precoce de sinais indicadores de risco, podendo ser feita por meio de observação e de instrumentos de rastreio, a fim de que sejam encaminhadas para uma avaliação mais aprofundada com profissionais de diferentes especialidades (Seize; Borsa, 2017).

A categoria 6) Socialização tratou de assuntos vinculados às relações sociais de pessoas com TEA. Especificamente, essa categoria abarcou sete estudos sobre Competência Social, Habilidades Sociais e Interação Social. Camargo e Bosa (2009), a partir de uma revisão crítica da literatura, discutiram as competências sociais de crianças com TEA, no contexto escolar, tendo observado que tal competência existe, embora dependa de certas variáveis, como a qualidade da formação do professor, o suporte às suas práticas e a valorização do seu trabalho. As autoras destacaram a influência da valorização dos aspectos sociais no desenvolvimento desses estudantes.

A categoria 7) Comunicação Alternativa esteve presente em seis investigações, nas quais foram explanados conhecimentos na área mencionada anteriormente, avaliados seus efeitos e apontadas melhores condições para efetividade na utilização de protocolos de Comunicação Alternativa nos estudantes com TEA. Togashi e Walter (2016) constataram que o uso desse recurso por estudantes com TEA favorece sua interação com o interlocutor e deve ser considerada como fator fundamental para a inclusão escolar desses estudantes com dificuldades na fala e na interação social. No entanto, as autoras alertam que os professores ainda não estão preparados para o emprego desses recursos, acrescentando a necessidade de pesquisas a respeito do tema, principalmente ligadas a pessoas com TEA.

Quanto à categoria 8) Escolarização, cinco pesquisas discutiram o processo de ensino-aprendizagem, acesso e permanência dos estudantes com TEA, por meio de suporte terapêutico, além do ensino-aprendizagem de matemática e de leitura. Há resultados

positivos no processo de escolarização de estudantes com TEA, a partir da adoção de recursos pedagógicos mediados pelo professor para o ensino de leitura, escrita e matemática. No entanto, o processo de escolarização desses estudantes, comumente, não se conclui e poucos chegam até o Ensino Médio (Lima; Laplane, 2016; Fleira; Fernandes, 2019).

Na categoria 9) Família, foram identificados cinco artigos que versavam sobre essa temática. Nessas pesquisas, foram discutidas as dificuldades, encaminhamentos, realizada a escuta desses familiares, apontada a necessidade de suporte social, estratégias de manejo, expectativas parentais, relacionamento conjugal e avaliação da qualidade de vida. Andrade e Teodoro (2012), por meio de uma revisão sistemática, concluíram que o impacto do TEA sobre o funcionamento familiar vai ser influenciado pela gravidade do transtorno, personalidade dos pais e disponibilidade de redes de apoio. Como alternativas de suporte, enfatizam que programas de treinamento parental se constituem como ajuda para o desenvolvimento de estratégias de manejo desses estudantes.

Na categoria 10) Formação, foram detectados cinco estudos que abordaram a capacitação de psicólogos e de professores, tanto do Ensino Regular como da Educação Especial, envolvendo estratégias de inclusão, como a inserção do PECS-adaptado e uso de recursos de teleducação. Essas formações foram realizadas, a fim de instrumentalizar professores e psicólogos para a efetivação da inclusão de estudantes com TEA. Pesquisas ressaltam a necessidade de formação continuada dos professores, no que diz respeito à escolarização de estudantes com TEA, formação que deverá ser mais focada nas demandas dos professores e não em conteúdos generalizantes e homogeneizantes (Schmidt *et al.*, 2016; Camargo *et al.*, 2020).

No que concerne à categoria 11) Concepção do estudante, foram identificadas três pesquisas que realizaram a escuta desses estudantes, cooptando subsídios para o processo terapêutico, analisando suas autobiografias e também suas experiências acadêmicas. Os resultados dessas pesquisas evidenciaram a necessidade de ajustes no contexto familiar, escolar, universitário e social, de sorte a possibilitar experiências interpessoais e acadêmicas positivas, por parte de estudantes com TEA. Vale destacar a escassez de trabalho dessa natureza, sendo que a totalidade deles foi desenvolvida com sujeitos, pré-adolescentes, adolescentes e adultos, de modo que nenhum estudo abordou a escolarização de estudantes com TEA com idades inferiores, o que alerta para o fato de os estudantes com TEA nesses

níveis não estarem sendo ouvidos e suas concepções e interesses levados em conta, no planejamento pedagógico (OLIVEIRA; ABREU, 2019).

E, por fim, na categoria 12) Recursos, foram alocadas três pesquisas. Nessas, foi abordado o uso das Tecnologias Digitais no ensino de matemática e alfabetização. Os resultados das investigações revelaram que a utilização de recursos digitais no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com TEA se demonstra positiva, visto que pode qualificar estratégias de mediação pedagógica e promover o envolvimento dos estudantes com as atividades escolares informatizadas. Mentoni e Fortunato (2019) discutiram a importância do emprego da tecnologia como ferramenta na escolarização desse público e corroboram nossos resultados, ao alertar que a tecnologia não pode ser considerada um obstáculo, mas deve ser um recurso adotado na otimização da aprendizagem.

CONCLUSÕES

Ao realizar a revisão sistemática da literatura sobre a inclusão escolar do estudante com TEA, no período de 2010 a 2019, foram identificadas 95 produções, as quais foram alocadas em 12 categorias temáticas. As categorias com maior expressividade de produções foram: 1) Pesquisa bibliográfica, com o total de 22 artigos, e 2) Interface Saúde- Educação, com o total de 15 artigos.

Também tiveram certa representatividade os trabalhos da categoria 3) Concepção docente, com o total de 11 artigos, da categoria 4) Práticas, com o total de dez artigos, e da categoria 5) Avaliação, com o total de oito artigos.

A categoria 10) Formação reuniu um total de cinco artigos, enquanto as categorias 11) Concepção do estudante e 12) Recursos contaram com três artigos cada. Tais categorias foram as que tiveram menor representatividade, o que nos revela a necessidade de pesquisas que deem voz aos estudantes com TEA e analisem aspectos associados à formação de profissionais para a prática docente com esses estudantes, bem como o desenvolvimento e utilização de recursos capazes de potencializar as habilidades sociais e acadêmicas deles.

A escolarização desses estudantes se põe como desafio que só pode ser superado por

uma mudança na cultura escolar, na qual todos os agentes envolvidos no processo conheçam as especificidades de estudantes com TEA e possam apoiá-los, otimizando e, por vezes, viabilizando o processo de escolarização. O sucesso do processo de inclusão desses estudantes irá depender substancialmente do engajamento da equipe pedagógica, multidisciplinar e da família.

Como limitações deste estudo, apontam-se a seleção de artigos somente em Língua Portuguesa e a não avaliação da qualidade metodológica dos estudos selecionados para a análise.

Ressalta-se que tão importante quanto realizar a revisão sistemática da literatura periodicamente é avaliar a qualidade dessas produções e os possíveis vieses desencadeados pela utilização de delineamentos metodológicos pouco sensíveis ou até equivocados, para, enfim, produzir conclusões sólidas e aplicáveis à prática pedagógica, discussão que fugiria ao escopo deste artigo.

REFERÊNCIAS

ADURENS, Fernanda Delai Lucas; VIEIRA, Camila Mugnai. Concepção de professores sobre a inclusão do aluno com autismo: uma pesquisa bibliográfica. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**. v. 18, n. 2, p. 94-124, jul. 2018

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, Quinta Edição (DSM-V). Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, Quarta Edição (DSM-IV TM). Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1994.

ANDRADE, Aline Abreu; TEODORO, Maycoln Leôni Martins. Família e autismo: uma revisão da literatura. **Contextos clínicos**. v. 5, n. 2, p. 133-142, 2012.

APORTA, Ana Paula; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Estudante com Autismo no Ensino Fundamental I. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 24, n. 1, p. 45-58, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382018000100045&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 set. 2020.

BARBOSA, Marily OLIVEIRA. O transtorno do espectro autista em tempos de inclusão escolar: o foco nos profissionais de educação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 31, n. 61, p. 299-310. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BENITEZ, Priscila *et al.* Mapeamento das estratégias inclusivas para estudantes com deficiência intelectual e autismo. **Psicologia em Estudo**. v. 22, n. 1, p. 81-93, 2017. Disponível em:

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1102219>. Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL, **Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**. Brasília, DF.: MEC/SEESP, 2008b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192. Acesso em: 01 dez. 2020.

BRASIL. **Políticas Nacionais de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008a. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 20 ago. 2020.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher *et al.* Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100223&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2020.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000100008. Acesso em: 20 ago. 2020.

CANABARRO, Renata Corcini Carvalho. **Consultoria colaborativa: influências na autoeficácia docente e no processo de inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação escolar, a exclusão e seus destinatários. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 48, p. 207-221, 2008.

FLEIRA, Roberta Caetano; FERNANDES, Solange Hassan Ahmad Ali. Ensinando Seus Pares: a inclusão de um estudante autista nas aulas de Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 33, n. 64, p. 811-831, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-636X2019000200811&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 set. 2020.

FONSECA-JANES, Cristiane Regina Xavier. **A formação dos estudantes de pedagogia para a educação inclusiva: estudo das atitudes sociais e do currículo**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

GALVÃO, Taís Freire *et al.* Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e meta-análises: a recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. Brasília, v. 24, n.2, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222015000200335. Acesso em: 10 ago. 2020.

KASSAR, Mônica Carvalho Magalhães. Educação especial no Brasil: desigualdades e desafios no reconhecimento da diversidade. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 833-849, 2012. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LIMA, Stéfanie Melo; LAPLANE, Adriana Lia Friszman. Escolarização de Estudantes com Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 22, n. 2, p. 269-284, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000200269&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 set. 2020.

MENTONI, Emília Cristina Pinheiro; FORTUNATO, Ivan. A tecnologia digital no auxílio à educação de autistas: os aplicativos abc autismo, aiello e scai autismo. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 113-130, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/12733>. Acesso em: 08 dez. 2020.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça; ABREU, Tiago Florencio. A percepção do aluno com Transtorno do

Espectro Autista sobre o processo de inclusão na Universidade Federal de Goiás (UFG). **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 6, n. 2, p.69-86, 2019. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/8897>. Acesso em: 08 dez. 2020.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio. O processo de inclusão no Brasil: políticas públicas para o educando com necessidades educacionais especiais. In: GENARO, Kátia Flores; LAMONICA, Dionisia Aparecida Cusin; BEVILACQUA, Maria Cecília (Org.). **O processo de comunicação: contribuição para a formação de professores para inclusão de indivíduos com necessidades educacionais especiais**. São José dos Campos: Editora Pulso, 2006, p. 255-275.

OMOTE, Sadao. Produção acadêmica em Educação Especial. In: OMOTE, S.; OLIVEIRA, A. A. S.; CHACON, M. C. M. (Org.). **Ciência e conhecimento em Educação Especial**. São Carlos: Marquezini & Manzini: ABPEE. p. 13-23, 2014.

PONCE, Joice Otávio.; ABRÃO, Jorge Luis Ferreira. Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. **Estilos da Clínica**, v. 24, n. 2, p. 342-357, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v24n2/a14v24n2.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

SCHMIDT, Carlo. *et al.* Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicologia: teoria e prática**, v. 18 n. 1, p. 222-235, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872016000100017&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 01 set. 2020.

SEIZE, Mariana de Miranda; BORSA, Juliane Callegaro. Avaliação do autismo: do rastreamento ao diagnóstico. In: LINS, M. R. C.; BORSA, J. C. (Org.). **Avaliação Psicológica: aspectos teóricos e práticos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017, p. 270-285.

TOGASHI, Cláudia Miharú; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Estudante com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 22, n. 3, p. 351-366, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000300351&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2020.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília, DF: UNESCO, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).